

“ENTRE A ESPADA E A ROSA”: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO CONTO DE FADA MODERNO

Nathalia Bezerra da Silva Ferreira
Verônica Maria de Araújo Pontes

Secretaria da Educação do Ceará - SEDUC CE
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN

Resumo: Dentro do cenário da literatura infanto-juvenil, os contos de fadas são recorrentes. Histórias clássicas em que princesas, príncipes, reis, fadas, unicórnios, entre tantos outros seres desse imaginário, encontram ainda hoje, seja por meio de adaptações, ou pela leitura, um público fiel. A escritora ítalo-brasileira, Marina Colasanti dedica-se continuamente a produção desse tipo de texto. O conto de fadas moderno bebe na fonte dos clássicos e estabelece diálogos com o tradicional. Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo analisar a relação existente entre o conto “Entre a espada e a rosa”, de Marina Colasanti e “Pele de Asno”, de Charles Perrault de forma comparativa com o intuito de explorar a representação feminina nas obras, observando em que aspectos o conto moderno reproduz a ideologia do clássico e em que outros desconstrói dando, desse modo, novas ressignificações para o papel feminino no contexto dos contos de fadas. Para tanto, utilizaremos, Coelho (2003) e Corso e Corso (2006), entre outros como referencial teórico.

Palavras-chave: Representação feminina, Contos de fadas, Perrault , Marina Colasanti

INTRODUÇÃO

Os contos de fadas são histórias muito antigas. Originalmente, foram repassadas por meio da oralidade, sendo em seguida registradas por meio da escrita. Essas histórias se perpetuam até os dias de hoje, seja por meio das versões clássicas, das constantes e inúmeras adaptações ou até mesmo pela renovação do gênero com os contos modernos.

O conto de fada moderno, desse modo, possui uma estreita relação com o conto tradicional, como observam Corso e Corso (2006). No novo modelo mantêm-se elementos já bem conhecidos por todos nós do mundo das fadas como princesas, castelos, heróis, entre outros. No entanto há uma ressignificação de muitos desses elementos na medida em que novas temáticas e posturas são apresentadas por meio das personagens. Exemplo disso é a representação da mulher na literatura de contos de fadas. Se antes, nas histórias tradicionais, as mulheres pareciam sempre a espera de

príncipes para resgatá-las, nesse novo quadro, temos mulheres que mesmo desafiadas por condições extremas, não recorrem a uma figura masculina para salvá-las. Temos, portanto, uma modificação da identidade da mulher, agora, é ela mesma que parte em busca de realizar-se no mundo, em busca de encontrar a felicidade.

Dessa forma, o presente trabalho volta-se para a representação da mulher no conto de fadas. Realizamos uma análise comparativa entre os contos “Pele de Asno”, de Charles Perrault e “Entre a espada e a rosa”, de Marina Colasanti. Quase trezentos anos separam as histórias em questão. Nesse período, não há dúvidas do quanto se mudou em aspectos relacionados a identidade da mulher. Marina Colasanti ciente dessas mudanças apresenta em sua literatura novos modos de realização feminina, novos papéis para personagens clássicos da literatura infanto-juvenil.

Este trabalho está dividido em três partes. Na primeira, apresentamos o conto de Perrault e realizamos alguns apontamentos sobre a representação feminina na narrativa. Na sequência, voltamo-nos para o conto de Marina Colasanti, realizando uma leitura mais profunda do papel feminino. Por último analisamos as similaridades e diferenças presentes nas duas obras.

1. “PELE DE ASNO”: O FEMININO REPRESENTADO

Em 1697, Charles Perrault publica na França a coletânea *Contos da Mamã Gansa* (2015). Nessa obra, estão reunidos contos ainda hoje conhecidos por nós, como por exemplo, “O Chapeuzinho Vermelho”. As narrativas são marcadas por elementos da oralidade, principalmente no que se relaciona a proposta de ensinamentos, moralidade dos contos. Na antiguidade, conforme Coelho (2003) as histórias eram utilizadas como forma de passar o tempo, mas também como perpetuadoras da tradição, de ensinamentos, como metáforas das relações humanas;

“Pele de Asno” é um dos onze contos presentes na obra de Perrault, mas que por motivos diversos não é um dos mais conhecidos. Possivelmente, um dos motivos para a pouca popularidade do conto seja pelo desejo incestuoso explícito do rei por sua filha. A rainha, esposa do rei, falece já no início do conto, mas antes pede ao rei uma última promessa, como podemos observar na passagem a seguir:

Chegada à sua última hora, diz ela ao rei seu esposo: «Aceite por favor que antes que morra eu exija algo de si; se algum dia viesse a ter vontade de casar de novo quando eu já não estiver cá...». «Ah», disse o rei, «esses cuidados são supérfluos, nunca na minha vida em tal pensarei, esteja descansada quanto a isso». «Acredito bem, a julgar pelo seu amor veemente; mas, para ter a certeza, quero a sua promessa, mitigada no entanto por este tempero: se alguma vez encontrar uma mulher mais bem feita e mais sagaz que eu, pode francamente dar-lhe a sua fé e casar-se com ela». A confiança da rainha nos seus charmes faziam-na encarar tal promessa como uma jura, obtida com habilidade, de não casar-se mais. (PERRAULT, 2015, p. 129)

A rainha, confiante de sua beleza, acredita que o rei jamais encontraria alguém mais bonita e sagaz do que ela. O rei, então, faz a promessa à esposa em seu leito de morte. Passa-se um bom tempo até que o rei descobre uma beleza maior que a da sua esposa: a da própria filha. A menina desperta no pai o desejo de casar-se com ela e sente-se também livre de qualquer amarra, uma vez que não irá descumprir a promessa feita a sua esposa. O pai envolto nesse sentimento, no desejo de desposá-la vai oferecer-lhe tudo o que pode para que assim possa conseguir o casamento de que tanto deseja.

A princesa está em um conflito enorme, pois não deseja casar-se com o pai, mas também não pode contrariá-lo. O sistema em que está inserida exige dela total submissão ao pai, porém aceitar o pedido dele parece ir contra aos próprios desejos dela. Nesse sentido, que pode fazer uma princesa para desobedecer seu pai? Nos moldes patriarcais da sociedade da qual faz parte quase nada pode fazer, por isso, vai a procura de sua madrinha, que é uma fada, para que possa por ela ser auxiliada. Ao chegar à casa da madrinha já recebida com a certeza de ela a ajudará:

“Sei”, disse ela ao ver a princesa, “o que vos traz aqui. Sei do vosso coração a profunda tristeza, mas comigo não precisais de vos preocupar mais. Nada poderá prejudicar-vos desde que vos deixeis conduzir. O vosso pai quereria desposar-vos, é verdade. Escutar o seu louco pedido seria um erro bem grande, mas é possível recusá-lo sem o contradizer. Dizei-lhe que é preciso que ele vos dê, para contentar os vossos desejos e antes que o vosso coração se abandone ao seu amor, um vestido que seja da cor do Tempo. Pese embora todo o seu poder e toda a sua riqueza e mesmo se o Céu em tudo favorece os seus desígnios, ele nunca poderá realizar essa promessa” (PERRAULT, 2015, p.131-132)

A situação da princesa não é fácil e ela se vê diante de um grande dilema. Se resolver aceitar a proposta de seu pai estará indo contra os seus próprios desejos. Por outro lado, desafiar o pai parece-lhe improvável. Ora, se desafiar um pai para uma mulher já era difícil, imagina quando há o agravante desse pai ser um monarca, acostumado a ter seus desejos realizados.

À ela não resta muitas opções a não ser a de clamar pela intervenção da madrinha. A ajuda recebida não é a de uma solução

definitiva, mesmo juntas e com os poderes mágicos da madrinha, duas mulheres não são capazes de enfrentar um rei e a princesa, para não se casar com o pai, precisa fugir de casa.

Fora de casa, a jovem precisa trabalhar para se manter e encontrar abrigo. Para isso, trabalha como uma simples cuidadora de porcos. A tarefa que arruma como forma de sobreviver não é das mais fáceis, muito menos algo a que uma princesa esteja acostumada. Entretanto, ela está disposta a abdicar de toda a riqueza e regalia que tinha no reino de seu pai para poder se livrar do destino ele traçara para ela.

O destino só mudará para ela quando a jovem e um príncipe se apaixonam e a ele a resgata da vida miserável a que está sendo submetida. É necessária uma intervenção masculina para que ela consiga superar os desafios que lhe são dados. No conto de fada moderno “Entre a espada e a rosa” veremos que os enredos das histórias são bem próximos, fica claro a intertextualidade dos textos e que Colasanti faz um diálogo direto com o conto de Perrault, porém, há também uma espécie de atualização da história principalmente em aspectos ligados a identidade feminina da princesa, como veremos na parte que segue.

2. UMA PRINCESA, DUAS HISTÓRIAS: UMA RESSIGNIFICAÇÃO DO CLÁSSICO

“Entre a espada e a rosa” é o conto que intitula o livro homônimo publicado pela primeira vez em 1992. Na narrativa, conhecemos uma princesa em sua busca de afirmar-se no mundo por suas próprias decisões, apesar do pai autoritário que possui. No primeiro parágrafo, temos o dilema da Princesa:

Qual é a hora de casar, senão aquela em que o coração diz “quero”? A hora que o pai escolhe. Isso descobriu a Princesa na tarde em que o Rei mandou chamá-la e, sem rodeios, lhe disse que, tendo decidido fazer aliança com o povo das fronteiras do norte, prometera dá-la em casamento ao seu chefe. Se era velho e feio, que importância tinha, frente aos soldados que traria para o Reino, às ovelhas que poria nos pastos e às moedas que despejaria nos cofres? Estivesse pronta, pois breve o noivo viria busca-la. (COLASANTI, 2015, p.99).

O narrador inicia afirmando que o momento para se casar é quando se está apaixonado e ao afirmar isso faz com que o leitor compreenda o fato como o natural já na primeira sentença. No entanto, as sentenças que se seguem vêm de encontro à primeira. Percebe-se que, para a mulher, o casamento não é uma escolha, mas uma decisão, na verdade, que compete exclusivamente à figura masculina que está a direcionar o destino dela.

O consentimento da princesa pouco importa o que realmente tem significado são as riquezas que o rei, seu pai, irá adquirir com esse casamento. A personagem feminina,

aqui, é retratada como um objeto de barganha, um meio para que seu pai possa atingir seus objetivos.

Essa apresentação encaixa-se nos moldes de uma sociedade que tem o homem como centro das relações; estando no centro, tudo ao seu redor deve girar em torno de satisfazer seus desejos. O pai, desse modo, é o

Símbolo da geração, da posse, da dominação, do valor. Nesse sentido, ele é uma figura inibidora: castradora, nos termos da psicanálise. Ele é uma representação de toda forma de autoridade: chefe, patrão, professor, protetor, deus. O papel paternal é concebido como desencorajador dos esforços de emancipação, exercendo uma influência que priva, limita, esteriliza, mantém na dependência. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p.678).

É nesse modelo que o pai é apresentado nesta história O conflito, assim, é gerado entre pai e filha. É a figura do pai que tenta limitar as ações da personagem. Ditando-lhe o caminho que deve percorrer para satisfazer os desejos dele.

Diante desse contexto, o que poderia fazer a princesa? Chorar é o que faz, chora mais do que imagina ser capaz, “de volta ao quarto, a princesa chorou mais lágrimas do que acreditava ter para chorar. Emolada na cama, aos soluços, implorou ao seu corpo, à sua mente, que lhe fizessem achar uma solução para escapar da decisão do pai.” (COLASANTI, 2015, p. 99). Assim, busca dentro de si as respostas para enfrentar a difícil situação em que se encontra.

A Princesa não se posiciona diretamente contra a vontade do pai, mas nem por isso parece-nos satisfeita em cumprir o desejo dele sem contestar. Se não pode enfrentá-lo e negar-lhe o pedido diretamente, busca em seu interior um modo de solucionar o problema.

O leitor acostumado com os contos clássicos esperaria uma intervenção sobrenatural por meio de um objeto mágico ou de uma fada madrinha que viria em auxílio da personagem, como ocorreu com a princesa de “Pele de asno”. Contudo, nesse caso, as respostas não estão para serem apontadas por nenhum elemento exterior. É dentro dela que precisa encontrar uma alternativa para a circunstância desencorajadora que enfrenta – e lá encontra:

E na noite sua mente ordenou, e no escuro seu corpo ficou. E ao acordar de manhã, os olhos ainda ardendo de tanto chorar, a Princesa percebeu que algo estranho se passava. Com quanto medo correu ao espelho! Com quanto espanto viu cachos ruivos rodeando -lhe o queixo! Não podia acreditar, mas era verdade. Em seu rosto uma barba havia crescido. (COLASANTI, 2015, 99).

A princesa, que não poderia recusar a ordem de seu pai, consegue por meio da intervenção do maravilhoso um modo de livrar-se do destino já traçado, pois não haveria quem quisesse desposá-la com sua nova

aparência. Com a barba ela consegue se livrar do casamento, mas é expulsa de casa por seu pai, que não consegue aceitar o que chama de “aberração”.

Saindo de casa, a princesa busca empregos para conseguir o próprio sustento. Tenta, na primeira vila, emprego de mulher, provavelmente para ajudar nos serviços domésticos, mas é rejeitada por sua barba. Na segunda vila, busca serviços de homem, mas ninguém a emprega por ter corpo de mulher. Ela, assim, adquire essa aparência andrógina, ou seja, apresenta características do sexo masculino e feminino ao mesmo tempo.

Percebendo o empecilho que a barba seria em sua vida, a princesa tenta se livrar dela cortando-a com uma faca. Entretanto, a barba cresce novamente, ainda mais cacheada e rubra. Michelli (2011), ao analisar os arquétipos masculinos e femininos na obra de Colasanti, afirma que

A heroína do conto tenta encontrar uma solução, eliminando o problema, que em primeira instância lhe salvara. Torna-se necessário, porém, efetivar a aprendizagem de conviver com a barba, descobrir o masculino – o *animus* – dentro de si, arquétipo explicado mais à frente. (MICHELLI, 2011, p. 61, grifo do autor).

Para a autora, a princesa não pode se ver livre da barba, pois ainda não estava preparada para isso. Era preciso que convivesse com o masculino que havia dentro dela, era preciso ainda um tempo necessário para o amadurecimento pessoal da jovem para ela pudesse ser bem-sucedida no futuro.

Dentro do contexto dos contos de fadas é comum a transformação de uma das personagens, normalmente ocasionada por uma bruxa má. Durante esse tempo, a personagem passa por inúmeras provações que contribuem para o seu amadurecimento. Apesar da mudança não ser causada por uma bruxa, mas pelo próprio corpo da princesa, no caso do conto analisado, ela precisa aprender a conviver com isso para que possa obter sua libertação.

Sem conseguir emprego de homem nem de mulher, a personagem decide então se travestir de guerreiro: “Agora, debaixo da couraça, ninguém veria seu corpo, debaixo do elmo, ninguém veria sua barba. Montada a cavalo, espada em punho, não seria homem nem mulher. Seria guerreiro.” (COLASANTI, 2015, p.100). Assim, vende seus pertences que trouxera do castelo e compra uma armadura e um cavalo. Agora ela consegue ser aceita, uma vez que nem rosto nem seu corpo estão à vista dos outros. Nessa mudança, a personagem rompe com as barreiras que enquadram comportamentos e atitudes como tipicamente relacionadas a um dos sexos. Mostra que, sendo homem ou mulher, podemos romper com esses determinismos na busca de uma identidade, na descoberta do eu.

Ao vestir-se dessa forma, a personagem faz referência ao mito da donzela guerreira, que possui as seguintes características:

Ser filha única ou a mais velha, de pai sem filhos homens; corta os cabelos, enverga trajes masculinos, transveste-se e passa a usar um nome de homem, abdica das fraquezas femininas: faceirice, esquivança, meiguice, medo _ aperta os seios e as ancas, trata seus ferimentos em segredo... e guerreia. Costuma ser descoberta quando ferida de morte, o corpo é desvendado. (VASCONCELOS, 2010, p. 249).

A personagem apresenta algumas das características apontadas por Vasconcelos (2010). Ela, aparentemente, é filha única, pois não temos nenhuma referência na história sobre irmãos. Por ocasião da barba que lhe surge, acaba por adquirir a aparência de um guerreiro para poder assim ter um trabalho. Também abdica dos traços de sua feminilidade, até apaixonar-se pelo jovem rei, quando começa a usar seu vestido vermelho durante a noite, em seu quarto.

Outro aspecto comum nas histórias em que o mito da donzela guerreira está presente é o fato de que, apesar de sua aparência masculina, a personagem é capaz de despertar o amor. Nessa narrativa não é diferente: o jovem rei, mesmo não tendo visto o rosto dela uma única vez, é tomado por um amor que não consegue explicar. Com o passar do tempo, começa a se sentir incomodado com o fato de que não conhece o rosto do guerreiro com quem tanto convive e dá à princesa um ultimato: tem cinco dias para revelar sua face ou deve abandonar o Reino.

Mais uma vez, a princesa se vê envolta em um dilema: deseja mostrar-se para o homem que ama, mas teme que ele não a aceite por conta da sua aparência, pois “Nunca o Rei poderia amá-la, com sua barba ruiva. Nem mais a quereria como guerreiro, com seu corpo de mulher.” (COLASANTI, 2015, p. 101). O medo maior que sente é o de ter que se afastar para sempre de seu amado.

A barba, que antes fora uma enorme aliada para se livrar da tirania do pai, agora é um obstáculo para que possa se realizar de forma amorosa. O prazo dado de cinco dias é de enorme tristeza e agonia. O número cinco “É símbolo de **união**, número nupcial, segundo os pitagóricos; número, também, do **centro** da harmonia e do equilíbrio.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p.241). O prazo mostra-se como um período em que a personagem precisa para reencontrar-se com a harmonia do seu próprio corpo, o equilíbrio entre o masculino e feminino que habitam nela, para, após esse período, vivenciar as núpcias.

A Princesa não sabe como fará para poder ficar sem sua barba ruiva e, como da vez anterior, chorou e pediu ao seu corpo e sua mente que a libertassem daquela situação:

E na noite sua mente ordenou, e no escuro seu corpo brotou. E ao acordar de manhã, com os olhos inchados de tanto chorar, a Princesa percebeu que algo estranho se passava. Não ousou levar as mãos ao rosto. Com medo, quanto medo! Aproximou-se do escudo polido, procurou seu reflexo. E com espanto, quanto espanto! Viu que, sim, a barba havia desaparecido. Mas em seu lugar, rubras como os cachos, rosas lhe rodeavam o queixo. (COLASANTI, 2015, p.102).

A resposta, mais uma vez, está dentro da própria Princesa. É por meio de um mergulho no seu inconsciente, por meio do sono, que ela encontra as respostas, o caminho de sua própria soltura.

A liberdade que tanto deseja ainda não é alcançada. Ainda é preciso vencer mais uma etapa de sua provação. As flores vermelhas que surgem ainda não se mostram como uma alternativa definitiva. O fim das provações que ela enfrenta aos poucos vai se consolidando: “Uma após outra, as rosas murcharam, despetalando-se lentamente, sem que nenhum botão viesse substituir as flores que se iam. Aos poucos, a rósea pele aparecia. Até que não houve mais flor alguma. Só um delicado rosto de mulher.” (COLASANTI, 2015, p.102). Quando as flores murcham e secam, surge o rosto que estava coberto, primeiro pela barba e depois pelas flores, tornando agora possível a aproximação com o Rei.

As rosas que cobriam seu rosto possuem uma significação que é válida para a compreensão do texto. Chevalier e Gheerbrant (2007), ao analisarem a simbologia da rosa, apontam que ela “Designa uma perfeição acabada, uma realização sem defeito. [...] ela simboliza a taça de vida, a alma, o coração, o amor.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p.392). No contexto da narrativa, podemos perceber que isso de fato tem relevância para a leitura do texto. Sem dúvidas, depois de todas as provações que enfrenta e supera, mesmo sem ajudas externas, a Princesa está mais madura, é como se realmente estivesse acabada, pronta para adentrar a vida adulta, vivenciar o amor e casar-se com o Rei.

No início do texto, temos uma personagem frágil e indefesa perante ao autoritarismo do pai. Porém, com o desenvolver do enredo, ela vai evoluindo, assumindo o controle de sua vida. Percebe que as respostas que procura não tem relação com os outros, mas estão dentro de si. Embora esse poder tenha que ser adquirido por meio da abdicação de características do seu sexo, vemos pela simbologia da rosa que ela só irá adquirir status de perfeição quando retornar para o seu eu feminino.

Desse modo, a identidade da personagem, que está em processo de construção, de busca interior, para saber quem realmente é e de tudo o que é capaz, apesar das amarras limitadoras do patriarcado, consegue se afirmar como sujeito autônomo de suas

próprias escolhas. A Princesa vai da total sujeição ao pai à transfiguração do eu para adaptar-se ao mundo. Ao final, consegue reencontrar-se consigo mesma, retornando para a sua forma natural, mas tendo avançado em muitos aspectos na busca pelo seu amadurecimento, e encontra-se pronta para os desafios da vida adulta que a esperam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As duas narrativas aqui analisadas, embora possuam uma longa distância temporal entre elas, são contos que dialogam diretamente em seus enredos. Marina Colasanti se inspira na obra de Perrault para (re)criar sua história. Fica evidente para o leitor a relação de intertextualidade. Por outro lado, podemos observar que há um propósito completamente diferente para o ser feminino. Se na história clássica a princesa só consegue ser bem-sucedida por intermédio da ajuda da madrinha, na história moderna a própria moça é a única responsável pelo seu destino.

A questão do desejo incestuoso não é abordada, provavelmente porque na conjuntura contemporânea não é adequado oferecer uma literatura a jovens leitores que aborde tal temática. Mas a relação de submissão feminina diante do homem continua em evidência. Ambas as histórias trazem personagens femininas que estão em conflitos com o desejo masculino, com a imposição patriarcal sobre suas vidas.

Nesse sentido, a condição feminina é completamente ressignificada, uma vez que os caminhos que irão percorrer são distintos na busca pela realização pessoal e amorosa. A personagem do conto moderno se mostra mais forte, traveste-se de guerreira e vai guerrear como forma de sobreviver. A personagem sai de um momento em que era frágil e indefesa e transforma-se em uma guerreira, em alguém que não se intimida diante das dificuldades e que constrói seu próprio caminho.

Nesse percurso, a exemplo da personagem de Perrault, acaba por se apaixonar também, colaborando assim para a realização de um final feliz para ambas as personagens. Entretanto, o caminho que cada uma delas percorre para alcançar esse final feliz é completamente diferente. A personagem de “Entre a espada e a rosa” consegue criar um caminho de fortalecimento da autonomia feminina, desse modo, estando em consonância com tempo histórico de sua publicação.

Mesmo obtendo o sucesso a princesa moderna não deixa de ter problemas para fazer prevalecer sua vontade. É preciso ainda a

luta, o enfiamento das inúmeras adversidades que a mulher enfrenta, porém, fica-nos a esperança de que mesmo assim podemos, como as personagens das histórias de fadas, sermos vitoriosos. Essa mensagem é dada para um leitor ainda em formação leitora e de personalidade e mostra-se um novo modo de formar leitores em que estereótipos de fragilidade feminina não são perpetuados.

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionários de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: DCL Difusão Cultural, 2003

COLASANTI, Marina. Entre a espada e a rosa. In: _____. **Mais de 100 histórias maravilhosas**. São Paulo: Global, 2015.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MICHELLI, Regina Silva. Marina Colasanti: configurações arquetípicas do masculino e do feminino em laços de amor. In: _____. GREGORIN FILHO, José Nicolau; PINA, Patrícia Pina da Kátia; MICHELLI, Regina Silva (Org.). **Literatura infantil e juvenil hoje**: múltiplos olhares, diversas leituras. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011. p. 47-89.

PERRAULT, Charles. **Contos da Mãe Gansa**. Tradução de Ivone C. Benedetti. Porto Alegre: LP&M Editores, 2015.

VASCONCELOS, Vania. A Donzela Guerreira na Literatura Brasileira. In: _____. **A mulher na Literatura criadora e criatura**. Academia Cearense de Letras. Regina P amplona Fiúzia (Org.). Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.